



***A paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector:
da autorrealização até à realidade social**

BA Eindwerkstuk
Marina Miletovic (3375617)
Portugese Taal en Cultuur
Orientador: Dr.^a Paula Esteves dos Santos Jordão
Universiteit Utrecht, Nederland
4 de novembro de 2011



Universiteit Utrecht

VERKLARING: INTELLECTUEEL EIGENDOM

De Universiteit Utrecht definieert het verschijnsel "plagiaat" als volgt:

Van plagiaat is sprake bij het in een scriptie of ander werkstuk gegevens of tekstgedeelten van anderen overnemen zonder bronvermelding. Onder plagiaat valt onder meer:

het knippen en plakken van tekst van digitale bronnen zoals encyclopedieën of digitale tijdschriften zonder aanhalingstekens en verwijzing;
het knippen en plakken van teksten van het internet zonder aanhalingstekens en verwijzing;
het overnemen van gedrukt materiaal zoals boeken, tijdschriften of encyclopedieën zonder aanhalingstekens of verwijzing;
het opnemen van een vertaling van bovengenoemde teksten zonder aanhalingstekens en verwijzing;
het parafraseren van bovengenoemde teksten zonder verwijzing. Een parafrase mag nooit bestaan uit louter vervangen van enkele woorden door synoniemen;
het overnemen van beeld-, geluids- of testmateriaal van anderen zonder verwijzing en zodoende laten doorgaan voor eigen werk;
het overnemen van werk van andere studenten en dit laten doorgaan voor eigen werk. Indien dit gebeurt met toestemming van de andere student is de laatste medeplichtig aan plagiaat;
ook wanneer in een gezamenlijk werkstuk door een van de auteurs plagiaat wordt gepleegd, zijn de andere auteurs medeplichtig aan plagiaat, indien zij hadden kunnen of moeten weten dat de ander plagiaat pleegde;
het indienen van werkstukken die verworven zijn van een commerciële instelling (zoals een internetsite met uittreksels of papers) of die tegen betaling door iemand anders zijn geschreven.

Ik heb de bovenstaande definitie van het verschijnsel "plagiaat" zorgvuldig gelezen, en verklaar hierbij dat ik mij in het aangehechte essay / werkstuk niet schuldig heb gemaakt aan plagiaat.

~~Titel paper / BA-eindwerkstuk / MA-scriptie (doorstrepen wat niet van toepassing is):~~

A parâmetros segundo G.H. de Lima Luperon: da subordinação até à realidade social

Naam: *Marina Miletovic*

Studentnummer: *3375617*

Plaats: *Utrecht*

Datum: *19.12.2011*

Handtekening:



(Deze verklaring moet als tweede pagina worden opgenomen in het werk)

Índice

1.	Introdução	5
1.1	Motivação	5
1.2.	Hipótese e objectivos	6
2.	Contexto teórico	9
3.	Contexto literário	15
3.1	Biografia	15
3.2	O modernismo	16
3.3	O existencialismo e Clarice Lispector	18
4.	Resumo da obra	19
5.	Análise	22
5.1	A questão do <i>outro</i> : desconhecido, negro, feminino e ausente	21
5.2	Empregada e barata: uma relação?	26
5.3	A estratificação social e a pobreza urbana	29
5.4	Consciencialização individual em função da reflexão sobre a realidade social?	32
6.	Conclusão	37
7.	English Summary	39
8.	Bibliografia	40

*Whoever is touched by de-personalization will recognize the other under any disguise:
the first step towards the other is to find within oneself the man of all men.
Every woman is the woman of all women, every man is the man of all men and each
one of them could appear wherever humankind is judged.*

Clarice Lispector



To know how to read a book is a way of life.

Verena Andermatt Conley

1. Introdução

1.1 Motivação

Tendo lido o romance *A paixão segundo G.H.* de autora brasileira Clarice Lispector, eu fiquei interessada pelas diversas inclusões das, o que me pareciam, referências sobre as questões sociais e culturais da sociedade brasileira. Queria investigar o papel que se poderia atribuir a estas questões.

Marta Peixoto, no seu ensaio titulado *Fatos são pedras duras: Urban Poverty in Clarice Lispector*, revela que Lispector tinha a consciência profunda quanto às relações entre as empregadas e os seus patrões. Lispector incluía diversas referências nas suas obras que apontam a estas relações. Em *A Descoberta do Mundo* (1984), um trabalho de crónicas, Lispector escreve o seguinte:

Ter empregadas, chamemo-las de uma vez de criadas, é uma ofensa à humanidade. (Lispector, 1984 33)

Por falar em empregadas, em relação às quais sempre me senti culpada e exploradora, piorei muito depois que assisti a peça *As criadas*¹. Fiquei toda alterada. Vi como as empregadas se sentem por dentro, vi como a devoção que às vezes recebemos delas é cheia de um ódio mortal. (Lispector, 1984 54)

Tendo descoberto que Lispector tinha uma profunda fascinação por empregadas e que as incluía nos vários textos dela, fiquei determinada a explorar o papel da empregada neste livro. Tendo este objectivo como ponto da partida, estendi a minha pesquisa a outras indicações, quais, na minha opinião, apontam à dimensão e à realidade social do Brasil. A minha motivação tornou-se mais ambiciosa quando descobri que diversas referências sociais não foram reparadas, ou pelo menos, não foram consideradas cruciais por muitos críticos desta obra.

Este trabalho representa e reflete de alguma forma, o meu interesse pela fascinante cultura e literatura brasileira que me captou e ficou a captar enquanto estudava a cultura e língua portuguesa na universidade de Utreque. Adicionalmente, este trabalho manifesta a minha apreciação da grande Clarice Lispector e a sua obra intrigante que me deu muito prazer e percepções valiosas da cultura e da sociedade brasileira do século XX.

¹ Genet, Jean. *Les Bonnes*. 1947.

1.2 Hipótese e objectivos

Este ensaio tem como objectivo analisar o livro *A paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector, aproximando-o do aspecto social, envolvendo a história e sociedade brasileira. Neste livro, a personagem principal, uma mulher chamando-se a ela mesma G.H., morando em Rio de Janeiro e pertencendo à classe média brasileira, lembra-se dos acontecimentos que ocorreram no dia anterior. Após ter decidido arrumar o quarto da sua empregada Janair que acabou de trabalhar para ela, G.H. é confrontada com o desenho que Janair deixou no seu quarto. Após a curta contemplação (na forma de um monólogo) concernente a Janair, G.H. passa a percorrer um processo da reconstrução da sua identidade.

Nesta análise vou tentar descobrir o papel das referências aos diversos aspectos sociais, que parecem ser evocados ao longo do livro, como a pobreza e as diferenças de classe. Em geral, o que eu quero explorar é, na verdade, a conexão entre a suposta transformação pessoal de G.H. e estes aspectos sociais, encontrados ao longo do livro. A maioria dos críticos literários, como Claire Williams no seu ensaio *The Passion According to G.H. by Clarice Lispector*, reconhecem a existência e a inclusão dos aspectos sociais no livro, mas não os acham cruciais para o seu entendimento. Para eles, estes aspectos antes têm um papel simbólico, ecoando a contemplação filosófica e metafísica em que G.H. questiona toda a existência e a condição humana. Ao contrário, a minha dissertação tem como hipótese que é esta contemplação filosófica e metafísica que aparentemente evoca uma transformação pessoal, que serve como um símbolo e prefácio da transformação social.

Por isso, a minha interpretação deste livro, vai-se, de certa forma, opor às análises habituais desta obra, concentrando-se na dimensão social e vendo-a como factor principal para o entendimento do livro. Assim, vou esforçar-me para aproximar o livro da perspectiva social, que muitas vezes foi evocada neste contexto, mas quase sempre foi entendida como perspectiva secundária pelos muitos críticos.

Para defender a minha tese, que a consciencialização da personagem principal está ligada à consciencialização social em geral, no capítulo 2 vou aproximar o livro do aspecto social, usando muitas referências de varias partes do livro, e tomando as questões sociais como ponto da partida. Vou focalizar esta análise nas teorias que exploram o discurso pós-colonial, no aspecto do *outro* e do *outro feminino*, e na história do Brasil colonial. Ao longo desta análise consultarei autores como Fausto, Skidmore e Nunes sobre a história colonial do Brasil, Young, Barker, Ashcroft et al. sobre o discurso pós-colonial e Ferreira Pinto entre outros sobre o *feminino outro* na literatura brasileira. Em seguida, vou conectar as diversas indicações da injustiça social implicada através, entre outros factos, das diferenças

entre G.H. e Janair, com a realidade social brasileira, usando Daniel, Skidmore e o relatório de OECD.²

Para estabelecer o contexto literário do livro vou oferecer no capítulo 3 a breve autobiografia de Lispector usando Moser, seguido pela introdução sobre modernismo brasileiro literário, o movimento à qual que Lispector pertence. Para esta introdução vou consultar Coutinho.

A obra literária de Clarice Lispector é frequentemente definida como existencialista³, individualista e assim, faltando a dimensão social. Nesta crítica, vem à superfície o equívoco de que o existencialismo tem nada ou pouco a ver com a dimensão social e que tem tudo a ver com a dimensão individualista, assim excluindo a obra de Lispector da obra socialmente engajada. Por isso, no fim do capítulo 3, tento restabelecer e explicar a ligação entre o existencialismo e a consciência social, abrindo a possibilidade de aproximar *A Paixão* da perspectiva social. Neste processo consulto Cooper, Kaufmann e Leeming et al.

No capítulo 4 faço o resumo breve do livro antes de prosseguir com a análise. Nesta análise, a pergunta central vai ser: Em que medida podemos considerar o processo de transformação (através da consciencialização) da personagem principal como um convite para a reflexão sobre a realidade social?

As sub-perguntas que vou usar para dar a forma a esta análise, ajudam explorar os diversos aspectos que são de importância grande para confirmação e corroboração eventual da pergunta central.

Primeiramente, no capítulo 5.1, a presença eventual da dimensão do *outro feminino*, ligada ao discurso pós-colonial, e a sua função dentro de livro vai ser explorada. Para esta exploração usarei vários autores como Pinto, Baugher, Villares e Reis.

No capítulo 5.2, ligada à exploração da dimensão do *outro*, a sub-pergunta seguinte vai tratar a questão da relação possível entre a empregada e a barata. Aqui vou usar Pirott-Quintero, Villares e Reis.

Continuando, o capítulo 5.3 tenta afirmar se Lispector tenta descrever ou expor a estratificação social e a pobreza urbana brasileira neste livro, usando autores como Ribeiro & Lago, Morris & Pyle, Gordon, Villares e Peixoto.

No fim, no capítulo 5.4, volto à pergunta central para confirmar ou desconfirmar, dependente dos resultados das sub-perguntas, se pudermos concluir que através do processo da transformação e consciencialização da personagem principal, Lispector

² Organization for Economic Co-operation and Development (2010), Tackling Inequalities in Brazil, China, India and South Africa: The Role of Labour, Market and Social Policies, OECD Publishing. Daqui em diante se refere a este relato como OECD.

³ “Existentialism is a loose title for various philosophies that emphasize certain common themes: the individual, the experience of choice and the absence of rational understanding of the universe with a consequent dread or sense of absurdity in human life”. (Blackburn 125)

na verdade revele a realidade social brasileira. Neste contexto, a suposta transformação pessoal da personagem principal seria um símbolo da transformação social. Ao longo desta exploração, consultarei Baugher, Villares, Gordon e Pirott-Quintero.

Finalmente, no capítulo 6, vou tentar responder à minha pergunta central.

A hipótese central é que Lispector, com esta obra, expõe as questões sociais mais problemáticas da sociedade brasileira como a situação desprivilegiada das pessoas da pele negra⁴, estratificação social e a situação das mulheres. Ao mesmo tempo, Lispector parece querer apontar à necessidade da crítica e inversão em relação a estas questões. Pode se especular que Lispector, através do processo da consciencialização metafísica e existencial da personagem principal, incita uma forma da consciencialização social do leitores. As noções de perda da identidade em função da libertação completa e da realização fundamental da igualdade e unificação exploradas no livro, parecem apontar à necessidade da crítica social e avaliação da estratificação da sociedade brasileira. Se as pessoas não se virem eles mesmas como mais valorosas ou superiores às outras, talvez não exista mais injustiça social, porque todas as pessoas veriam as outras como se fossem elas mesmas. Uma verdadeira transformação social seria atingida. Uma vista claramente utópica, mas todavia atraente.

O processo da autorrealização de G.H. (envolvendo a perda da identidade, unificação e integração universal) parece estar central no livro mas, segundo a minha leitura, pode ser visto como um catalisador e metáfora dum processo de consciencialização social. Eu vou tentar provar que Lispector parece querer, sem pô-lo obviamente demais à frente, abordar este processo da consciencialização social. A hipótese seria então que Lispector usa o processo da autorrealização para realmente abordar a necessidade da consciencialização social.

Reconhecendo o fato que este livro extremamente complexo precisa de diversas aproximações para análise profunda e que, na verdade, muitos críticos interpretavam esta obra de formas muito diversas, quero acentuar que minha interpretação deste livro não totalmente exclui as interpretações já elaboradas por diversos críticos. Este trabalho tem como objectivo apresentar o entendimento desta obra, reconhecendo a dimensão social mais profundamente e significativamente do que os entendimentos e as interpretações dos muitos críticos literários.

No final, o que quero sublinhar com este estudo é que Lispector, por muitos críticos vista como uma escritora com estilo metafísico, e com pouco interesse para as questões culturais e sociais, pelo menos com esta obra, intensivamente e mais do que parece à primeira vista, abordou as questões sociais mais presentes na sociedade

⁴ Daqui em diante, quando refiro às pessoas da pele negra ou às pessoas de cor, faço isto por causa de falta do termo melhor e espero que ninguém se sinta ofendido com estes termos.

brasileira. Assim, quero confirmar que Lispector teve sim uma grande fascinação e um interesse nas relações complicadas e desiguais entre mulheres e homens, pobres e ricos, desprivilegiados e privilegiados da qualquer forma.

2. Contexto teórico

Nesta análise, vou investigar a presença da dimensão do *outro*, a dimensão do *outro feminino* (*gender*⁵), possivelmente representada por Janair e a barata). Em seguida, vou analisar a dimensão da estratificação social e pobreza, representada, entre outras manifestações, pelo contraste social entre G.H. e a empregada Janair.

Muitas vezes, analisar um livro e fazer uma interpretação mais adequada, requiere uma consideração e exploração dos aspectos históricos e sociais que parecem ser de grande importância para o livro. Por outras palavras, precisamos de dar ao livro a certa contextualidade relevante. No caso de *A paixão segundo G.H.* estes contextos incluem a história do Brasil colonial, que implica a desigualdade e discriminação do povo africano.

O Brasil, sendo um país com história colonial, tem a história complexa e problemática quanto ao tratamento do povo indiano e africano. Enquanto certos historiadores falam do genocídio do povo indiano pelos colonizadores (Fausto, 9), os registos históricos confirmam a escravidão das 3 milhões das pessoas da origem africana:

During the course of the slave trade, Brazil received 37 per cent of the total number of Africans brought by force to the Americas (as compared to North America's 5 per cent (Curtin 1969). By the mid nineteenth century, according to Emilia Viotti da Costa, the population of Brazil consisted of 1,347,000 whites and 3,993,000 blacks and mulattos (da Costa 1989). (Nunes 115)

A população das pessoas negras e mulatas no Brasil constitui mais ou menos a metade da população total. Esta população de cor é, por uma grande parte, composta dos descendentes dos escravos africanos que foram levados ao Brasil pelos colonizadores europeus entre os séculos XVI e XIX. (Fausto 17-19) A população das pessoas de cor brasileira contemporânea representa, de uma forma, uma directa ligação a esta história da escravatura, como se fosse um monumento vivo.

Muitos sociólogos e historiadores, ao longo do século XX, defendiam a tese que a estratificação social do Brasil contemporâneo (resultando na injustiça social e

⁵ Nos estudos de género, o termo género (*gender*) sublinha a importância das construções sociais e culturais de masculinidade e feminidade. (Essed et al. 1-25)

discriminação racial) resultou da história colonial. Tornando-se uma colónia portuguesa, o Brasil começou a importar os escravos do continente africano, para o trabalho duro nas plantações de cana, entre séculos XVI e XIX. (Fausto 17-19) O tratamento injusto destes escravos baseava-se na assumida inferioridade dos negros, doutrinada pela elite branca, e deu forma à sociedade e à cultura brasileira, criando uma sociedade fortemente estratificada, visível, entre outras, na cidade do Rio de Janeiro.

Após a abolição da escravatura em 1888, a visão desta inferioridade sobreviveu na sociedade brasileira, mantendo a estratificação social, baseada na superioridade dos brancos e na discriminação dos não-brancos. Historiador Skidmore explica:

(...) Brazil was still predominantly agrarian economy when abolition came. Its paternalistic system of social relations prevailed even in the urban areas. Thus the system of social stratification gave the landowners (white, and occasionally light mulatto) a virtual monopoly of power – economic, social and political. The lower strata, including poor whites as well, as most free coloreds, were well accustomed to submission and deference. This paternalistic hierarchy, in which social classification correlated highly with colour, had developed as an integral part of the slave-based colonial economy. (6-7)

Neste contexto, Ashcroft et al., sublinham na introdução do seu estudo sobre pós-colonialismo o facto que todas as sociedades pós-coloniais até hoje continuam a ser o objecto da dominação neocolonial e que a Independência não resolveu os problemas mais fundamentais como as divisões internas baseadas na discriminação racial, linguística ou religiosa. Por isso, eles explicam, o discurso pós-colonial tem de ser entendido como um processo contínuo que envolve a resistência e a (re)construção. (2006, 1-2)

O Brasil é hoje mundialmente conhecido como um país da desigualdade, onde existe uma grande diferença entre ricos e pobres. Nos últimos anos, seguindo a prosperidade económica relativa, vendo o crescimento da economia no Brasil, e com apoio do governo social do presidente Lula da Silva, a redução da estratificação social foi um dos mais importantes objectivos deste governo. Um dos métodos mais adequados para alcançar esta redução da estratificação social, como proposto pelo governo Lula, consistiu em mudar o espaço urbano, tornar as favelas em bairros desenvolvidos e prósperos e reduzir a desigualdade económica e social.⁶ Esta

⁶ OECD, 59, 61, 68.

iniciativa, representada como prioridade principal pelo governo Lula, testemunha a grande necessidade deste processo.

A situação política e económica muito grave no Brasil nos anos 60 do século passado, quando *A Paixão* foi escrita, resultou no estado fraco e demasiado instável para resolver as questões socialmente emergentes, como o desemprego, a imensa pobreza e a distribuição injusta dos bens e dos salários. Além disso, o clima político e social dessa época não reconhecia o problema da estratificação social. Os problemas internos do governo resultaram no golpe militar, realizado em 1964. A situação social no Rio de Janeiro nos anos 50 e 60 do século passado era exemplar da desordem do governo e reflectiu a desigualdade do país. Ao mesmo tempo, o Rio de Janeiro era uma cidade onde os mais pobres, totalmente desesperados e amargos, faziam greves, enquanto os mais privilegiados aproveitavam do crescimento da economia, tornando-se ainda mais ricos. (Fausto 237-279)

Esta dimensão da desigualdade e da estratificação social brasileira é muito visível e quase palpável na cidade do Rio de Janeiro, mundialmente conhecido como uma cidade onde as diferenças de classes fazem parte da imagem popular e atraente desta metrópole. A coexistência das várias classes nas áreas muito próximas, expondo os pobres à visão da riqueza e os ricos à visão da pobreza e injustiça social, formou uma situação urbana muito absurda no Rio de Janeiro. Peixoto aponta neste contexto que, no início dos anos 60 do século XX, o Rio de Janeiro tinha 147 favelas registadas. 33 destas favelas situavam-se nas colinas contíguas à classe média ou alta no sul da cidade, onde os ricos e os pobres muitas vezes podiam ver uns aos outros a partir da janela. (Peixoto 107)

Como Ribeiro & Lago observaram no seu estudo *A Oposição Favela-Bairro no Espaço Social do Rio de Janeiro*, as diferenças sociais e culturais entre as favelas e os bairros de classe média ou alta eram tão grandes que se mesmo podia falar das duas cidades em vez de uma, o Rio de Janeiro.

Desde o início do século XX, com efeito, as favelas vêm sendo representadas como pertencentes a um outro mundo social e cultural, como se fossem "uma cidade à parte", já escrevia Olavo Bilac. A proximidade espacial com os bairros de classe média alta, urbanisticamente organizados e providos de equipamento e serviços urbanos, produziu um forte contraste social que serve de evidência auto-demonstrada da existência das duas cidades. (Ribeiro & Lago)

No seu estudo, *The Social Environment in Rio de Janeiro in 1960's*, Morris & Pyle apontaram ao facto de que os primeiros residentes das favelas eram, na generalidade, os ex-escravos e os soldados.

Near the end of the nineteenth century, shanty towns started to develop on the steeper hillsides. These less desirable residential locations became filled with former slaves and soldiers returning from interior campaigns. (Morris & Pyle)

A relação entre a estratificação social e a história da escravatura e da opressão das pessoas de cor, que resultou, entre outros fenómenos na existência das inúmeras favelas no Rio de Janeiro e no Brasil, é lógica e sublinhada pelos muitos sociólogos que examinam os problemas sociais e raciais do Brasil. Um destes sociólogos, Daniel, explica a relação entre a ideologia da inferioridade da raça negra e a opressão económica e social com respeito às indivíduos de cor no Brasil, sublinhando o facto que a raça (não ligada à classe ou à cultura) é decisiva para determinação da desigualdade social (Daniel 1-2, 2-3, 14). Daniel conclui que as pessoas de cor no Brasil, ainda não se libertaram do papel do *outro* na sociedade brasileira. Ainda mais, ele explica:

In terms of employment, *pretos* and *pardos* are concentrated in less skilled and lower-paying jobs. Moreover, wage differentials persist among *pretos*, *pardos*, and *brancos*, even when controlling for education and job experience. These findings underscored the significance of race, quite apart from culture or class, in determining social inequality. More important, they clearly indicated that in terms of overall socioeconomic stratification, the racial divide is primarily located between Whites and the African Brazilian masses, and only secondarily between mulattos and Blacks. Further analyses have emerged that support these findings. (Daniel,14)

O outro, subalterno, é um termo usado na teoria pós-colonial. Esta teoria não é uma teoria no sentido unilateral, incluindo o conjunto dos princípios coerentes que pode prever um certo conjunto de fenómenos, mas um conjunto de perspectivas relacionadas, explorando as relações sociais, culturais e políticas do ponto da vista não-dominante. Este ponto da vista envolve perspectivas não imperiais, ocidentais e populares, provocando um pensamento crítico. (Young 6) O objectivo mais importante das teorias pós-coloniais constitui em criar um espaço objectivo para vozes múltiplas, inclusivamente as vozes que são silenciadas pelas ideologias dominantes. Barker et al. citam Tiffin (Helen) para esclarecer o objectivo do discurso pós-colonial:

(...) the postcolonial is conceived of as a set of discursive practices involving “*resistance* to colonialism, colonialist ideologies, and their contemporary forms and subjectificatory legacies”(1991, vii). (Barker et al. 5)

Dentro do discurso pós-colonial, *o outro* refere às pessoas que estão politicamente, geograficamente e socialmente fora da estrutura do estabelecimento dominante. Estes *outros* são os outros colonizados que são marginalizados pelo discurso colonial, identificados pelas diferenças em relação ao “centro”, e no fim se tornam o foco do domínio do “ego imperial”. (Ashcroft et al. 170)

As sociedades coloniais, fortemente patriarcais, marginalizaram as pessoas indígenas, mulheres e assim por diante e tornaram-nas o *outro*, criando a similaridade entre as mulheres e povos colonizados quanto à posição na sociedade, como Ashcroft et. al. reparam:

In many different societies, women, like colonized subjects, have been relegated to the position of “Other”, “colonized” by various forms of patriarchal domination. They thus share with colonized races and cultures an intimate experience of the politics of oppression and repression. (2006, 233)

Esta dominação e opressão das mulheres penetrou intensivamente na literatura brasileira, primeiramente produzida pelos homens. Na literatura, como na sociedade brasileira, a posição da mulher de cor brasileira obteve, ao longo dos séculos, um papel ainda mais complexo, marginalizado e sexualizado, como Ferreira Pinto explica:

One could argue that the image of the *mulata* has come to represent the nation, but obviously this image is nothing more than that: an image, or, in other words, an object of the enjoyment of the voyeur, be he foreign or native. Meanwhile, Brazilian black women – as well as Brazilian women in general – have been mostly reduced to the position of the Other, excluded from the dominant discourse. Of course, one should not be blind to the issue of women as oppressors of other women. This is certainly a problem in Brazilian society, and its most obvious example is the case of domestic servants and their relationship with the middle- and upper-class women they work for. The social oppression of women by other women results from forms of capitalist exploitation of the lower classes but is also a consequence of the slavery-patriarchal mentality that has shaped the dominant ideology in Brazil. As such, it is just another way Brazilian women of colour are rendered passive objects by the dominant ideology. (Ferreira Pinto 25)

Pinto expõe os leitores à lista cronológica que resume a história literária e social de mulheres no Brasil, rememorando os acontecimentos mais importantes. Não se leva muito tempo antes de perceber que a participação das mulheres na vida social, política e literária brasileira, visto relativamente, só à pouco começou. (Ferreira Pinto x-xiv)

O Brasil (e nisso o Brasil não está sozinho), conheceu a longa história da opressão, exclusão e marginalização das mulheres na sociedade e, infelizmente, esta história é, para muitas mulheres no Brasil, ainda uma contemporaneidade.

Como uma reação à relação desta dominação, na segunda metade de século XX, surgiu uma onda literária feminista que representou uma oposição à literatura canônica e uma crítica feminista em relação ao discurso cultural masculino. No início do século passado, e sobretudo nos anos sessenta e setenta, as autoras brasileiras várias desconstruíam na sua literatura os mitos culturais de “master narrative⁷”, da função social das mulheres e da feminidade; do corpo, da beleza, da identidade e da sexualidade deles. Por isso, o trabalho destas autoras exprime as relações problemáticas do *gender* no Brasil:

In the last decades of the twentieth century, female poets, fiction writers, and playwrights have produced the most important counterideological discourse in Brazilian literature, as they have strived to create an authentic language and fresh images suitable for the expression of new voices and a changing reality. Many, as well as diverse, names have given shape to such discourse. In addition to Lispector, Telles, Leilah Assunção, Nélida Piñon, and Márcia Denser, are Hilda Hilst (1930), Marina Colasanti (1937), Sonia Coutinho (1939), and Consuelo de Castro (1946) among others. (Ferreira Pinto 2-3)

Esta onda feminista, nas palavras de Ferreira-Pinto, através do processo da desconstrução do discurso dominante, vai ajudar a abrir o espaço literário para outros grupos marginalizados da sociedade brasileira, como as pessoas de cor.

⁷ Master narrative refere-se à escrita ideológica qualquer que se impõe à sociedade pelas pessoas autoritárias.

3. Contexto literário

3.1 Biografia

Clarice Lispector (1920-1977) é vista como escritora importante da literatura brasileira moderna. Lispector escreve o seu primeiro livro em 1943 e imediatamente se torna uma promessa grande da literatura nacional. A sua obra é marcada por elementos filosóficos e emocionais, e acompanhada das profundas introspectivas, resultando que os leitores, finalmente, não só liam mas, da certa forma, “viviam” a sua obra. Isto se deve ao estilo da escrita que Lispector usava, que provocava um certo grau do “fluxo da consciência”, envolvendo os pensamentos e percepções pessoais constantes dos personagens principais sobre a existência humana.

Nascida na Ucrânia, Lispector chegou ao Brasil quando tinha um ano de idade. A família Lispector fugiu da Ucrânia por causa da perseguição aos judeus durante a Guerra Civil Russa de 1918-1921. A sua mãe morre, quando Lispector tem 9 anos, das consequências de Sífilis, supostamente contraída de um estupro na guerra civil na Ucrânia. A escritora parece ter sofrido com a morte da mãe, e muitos dos seus textos refletem este sofrimento e o sentido de impotência quanto à vida grave da sua mãe. Benjamin Moser afirma que a jovem Clarice, por um lado pensava que a doença da sua mãe tivesse de ser a consequência do seu nascimento. (Moser 90) Por outro lado, Lispector escreve em um dos seus textos para o *Jornal do Brasil*⁸ que ela foi supostamente concebida para curar a doença da sua mãe, intervenção supersticiosa dessa época na Ucrânia. (Moser 54-55) Seja como for, o fato é que Lispector, pelo resto da sua vida, seria influenciada pela morte da sua mãe e que este acontecimento formaria os seus inquéritos perpétuos sobre o Deus e a condição humana em todas as suas formas.

Alguns anos após a morte da sua mãe, o seu pai morre inesperadamente no Rio de Janeiro, onde a família Lispector se tinha mudado. Clarice e as seus irmãs ficam órfãs e Clarice, arrasada com a morte do seu pai, afasta-se da religião judaica institucional. Clarice frequenta o estudo de direito e escreve para vários jornais quando, em 1943, se casa com o diplomata brasileiro, Maury Gurgel Valente. Neste ano, Clarice publica o seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, que directamente causa uma sensação no Brasil. Esta sensação foi devida ao estilo incomum, riqueza verbal e dimensão introspectiva do livro. Logo depois do lançamento do seu debute, em 1944, Lispector deixa o Brasil para acompanhar o seu marido diplomata no estrangeiro, onde não voltaria definitivamente por quase duas décadas. (Moser 161-164)

⁸ As crónicas que Lispector escreveu para *Jornal do Brasil*, foram editados e publicados no livro *A Descoberta do Mundo* em 1984.

Ao longo do seu acompanhamento do seu marido fora do Brasil, primeiramente na Europa e depois nos Estados Unidos, Lispector publicou dois livros: *O Lustre* em 1946 e *A Cidade sitiada* em 1949. Enquanto no estrangeiro, Lispector se dedica às obrigações de mulher da diplomata e põe a sua vida de mulher e de mãe à frente da sua carreira literária. Em 1948 dá à luz o seu primeiro filho, Pedro e em 1953 nasce o seu segundo filho, Paulo. (Moser 221, 245) Ficando mais insatisfeita com a sua vida de mulher de diplomata, Lispector se divorcia do seu marido em 1959 e volta definitivamente ao seu amado Brasil e ao Rio de Janeiro com os seus filhos.

De novo no Rio de Janeiro, Lispector se devota a escrever e entra na época mais productiva da sua vida, publicando vários livros que se tornariam os melhores livros dela. Aqui destaco alguns livros mais significantes como *Maça no Escuro* de 1961, *A Paixão segundo G.H.* de 1964 e *A hora da estrela* de 1977, considerado como o livro mais social de Lispector. Apesar de ter o nome da autora filosófica e metafísica, Lispector aponta, ao longo da sua obra mais ou menos directamente as questões sociais. Por exemplo, *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* de 1968 trata, entre outras temas, a questão da posição das mulheres, enquanto *A Hora da Estrela* envolve uma observação ou constatação da realidade social brasileira que é dominada pelos conflitos de classes. (Rodrigues)

Enquanto viva, Clarice representava a mulher do mistério no olho público brasileiro e esta imagem tornou-se mais profunda e complexa depois da sua morte em 1977. A fascinação dos leitores, críticos literários e colegas autores brasileiros por ela é não-ouvida e quase religiosa. Lispector teve o talento de tocar os seus leitores nas profundezas das suas almas e assim, salvá-las. (Moser 291-292) Uma realização imensa para alguém que, segundo Moser, escrevendo, só tentava salvar a sua.

3.2 O modernismo

Como mencionei, Clarice Lispector é considerada como uma das escritoras mais importantes do modernismo literário brasileiro. O modernismo brasileiro surge na primeira metade do século XX, estabelecendo-se como um movimento artístico que tem como objectivo principal: a ruptura com o tradicionalismo. Esta ruptura manifestou-se mais claramente na quebra com a história da estética literária e na tendência de experimentar e ecoou os processos da modernização que dominavam a Europa desta época. À base deste movimento achou-se a pintura, influenciada pelos artistas europeus das escolas cúbicas, futuristas e outras. A literatura brasileira moderna segue estas transformações na arte: explora as novas formas na linguagem e na escrita literária como o (não-)uso da pontuação e invenção das novas palavras. Ao mesmo tempo pode-se notar uma mudança quanto aos temas. Estes tornam-se mais abstratos, explorando a individualidade e o absurdismo da vida. Através destas

explorações e inquéritos podemos constatar a descrença fundamental ao respeito das verdades absolutas, trazendo consigo uma descrença grande nas instituições políticas e sociais. (Coutinho 762)

Ao mesmo tempo, o modernismo brasileiro tem um outro objectivo que o distingue do modernismo literário europeu, a saber, definir a identidade literária nacional do país. Por isso, o modernismo brasileiro pode ser visto como, por um lado, um movimento literário, e por outro, como um movimento político, ideológico e nacional. Os modernistas brasileiros têm como objectivo dar uma voz à cultura brasileira sem que essa fosse definida e analisada através do “olho europeu” (Coutinho 759). Coutinho explica:

By assimilating the principles of the European Vanguards and then transforming them critically, Brazilian modernists set the basic nationalistic tone for the movement. They imported European strategies and techniques in order to exploit Brazilian realities and, by so doing, they conferred on the movement its unique dimension. (Coutinho, 759)

Esta dimensão única diz respeito à tendência de investigar o que se chama “a brasilidade”, a saber, a investigação e a exploração do Brasil, a pessoa brasileira (indígena), o seu passado, a sua formação, o seu modo da vida, não só na literatura, mas também nos estudos históricos, sociais, etnográficos e linguísticos. (Coutinho 764) Neste contexto, vale mencionar o discurso que Lispector deu em Texas em 1963, na conferência literária, tocando o tema da insularidade brasileira e da auto-obsessão nacional que caracterizava a literatura brasileira desta época:

We are hungry to know about ourselves, and urgently, because we still need ourselves more than we need others. (Moser 307)

No final, os autores principais do modernismo brasileiro atingiram que a cultura brasileira, e neste caso a literatura brasileira, figurativamente, pela primeira vez observou o mundo e o Brasil com os seus próprios olhos. (Coutinho 767) Pode-se concluir que o modernismo brasileiro foi, de certa forma, um movimento pós-colonial porque definiu o tom através qual os escritores brasileiros podiam representar a realidade brasileira, sem necessariamente definir esta através da ideologia colonial europeia.

3.3 O existencialismo e Clarice Lispector

Nesta parte vou afirmar que o existencialismo (de Clarice Lispector) não exclui a dimensão social. Ao fazê-lo, abrirei o espaço para análise de *A paixão segundo G.H.* da perspectiva social.

Muitos críticos insinuam que Lispector não era uma escritora com o interesse grande pelos questões culturais e sociais brasileiras, mas mergulhava com mais interesse e prazer no mundo transcendental, explorando a essência da existência humana, comparando-a com Jean Paul Sartre, filósofo francês conhecido pela sua doutrina de existencialismo. No caso de *A paixão segundo G.H.*, a maioria dos críticos literários definiu esta obra como uma obra existencial, incorrectamente assumindo que o termo existencial somente envolve o indivíduo, conceito errado mais frequente quanto ao existencialismo. (Cooper 12, 13) O existencialismo sim destaca a liberdade individual e a responsabilidade de ser humano. Por isso, muitos críticos recusavam a noção da qualquer dimensão social no existencialismo. Penso que isto não seja correcto porque o existencialismo, de certa forma, implica uma certa afirmação da responsabilidade social de cada de nós. Para sublinhar esta visão, Cooper, no seu livro *Existentialism, A Reconstruction*, sugere que, apesar de o Mathieu (a personagem principal da obra *L'âge de raison* de 1945), sendo visto como porta voz de Sartre, e que supostamente tocou a essência do existencialismo dizendo:

I recognize no allegiance except to myself...All I want is to retain my freedom.

, Jacques, o seu irmão, é na verdade a personagem que exprime os verdadeiros pensamentos existenciais quando responde:

I should myself have thought that freedom consisted in frankly confronting situations into which one has deliberately entered and accepting one's responsibilities. (Cooper 12)

Esta aceitação das responsabilidades de cada nós implica ao nível básico a certa conscientização da sociedade em que um indivíduo se encontra.

O próprio Sartre definiu a angústia, irrevogavelmente associada com o existencialismo, como uma emoção que as pessoas sentem uma vez que percebem que estão responsáveis não só por eles mesmos, mas também pelo todo género humano. Esta conexão entre existencialismo e responsabilidade social vem à superfície nas palavras da palestra, dada pelo Sartre em 1946, chamada *L'Existentialisme est un humanism* (O existencialismo é um humanismo):

In any case, we can begin by saying that existentialism, in our sense of the word, is a doctrine that does render human life possible: a doctrine, also, which affirms that every truth and every action imply both an environment and a human subjectivity. (Kaufmann, 287)

Leeming et. al. também insistem que a dimensão individualista do existencialismo é mal entendida:

One of the misconceptions to clarify about existentialism is the claim that it is too individualistic. (...) The existential position is not opposed to the sociology of others, but warns against a qualitative erasure of unique “callings to be” amidst the counter pull to forfeit one’s incommensurability. In fact, we are ontologically relational. Our existence is foremost and forever a “being-with-ness. (Leeming et al. 309)

Finalmente, podemos concluir que a negligência ao existencialismo não necessariamente exclui uma dimensão social ou seja, que a dimensão social faz parte do pensamento existencial. Clarice Lispector, como mencionei antes, tratou temas várias sociais ao longo da sua obra literária. Lispector escreveu sobre a pobreza nas crônicas que eram originalmente publicadas no *Jornal do Brasil* entre 1967 e 1973, sobre a posição das mulheres na sociedade brasileira no seu livro *Uma Aprendizagem ou o Livro dos prazeres* de 1969 e sobre a desigualdade social em *A Hora da Estrela* de 1977 (Rodrigues). No final, no caso da obra de Clarice Lispector, se nós optarmos para defini-la como existencialista, como muitos críticos já fizeram, temos de perceber que, pelo menos no caso da maioria da sua obra, isto não exclui uma dimensão social da qualquer forma.

4. Resumo da obra

A paixão segundo G.H. de Clarice Lispector (1964) é um dos livros mais significantes na literatura brasileira. Envolve os temas mais divergentes como religião, existência, tempo e espaço, mas também diferenças das classes, o feminismo, o racismo, o amor e a linguagem. O estado canônico desta obra foi reconhecido em 1988, quando foi incluída em *Arquivos Collection*, uma série de UNESCO das obras mais importantes da América do Sul. (Williams 245)

No início de *A paixão segundo G.H.*, a personagem principal está a lembrar-se dos acontecimentos que, um dia antes, ocorreram no seu apartamento: depois de decidir arrumar o quarto da sua empregada Janair, que se despediu no dia anterior, G.H. entra no seu quarto, descobrindo que está limpo e quase estéril. Esta descoberta

surpreende-a, visto que G.H. tinha uma expectativa de encontrar um quarto sujo. Lá, encontra um desenho na parede, feito por Janair, mostrando os corpos nus de uma mulher, um homem, e do cão. G.H. pensa que a mulher do desenho representa ela mesma e fica furiosa porque tem o sentido que empregada exprimiu uma forma de crítica sobre ela. G.H. começa a especular sobre os sentimentos da empregada por ela e sobre os sentimentos dela própria pela empregada. Depois de encontrar uma barata viva no armário, a contemplação se torna mais abstracta, tendo a barata como ponto central de onde um processo de introspecção se desenvolve. Nesta introspecção que envolve a reconstrução da identidade de G.H., ela examina a sua vida, suas convicções e pensamentos. G.H. parece refletir sobre a sua vida aparentemente superficial e cheia das preconceitos. Trata-se dos preconceitos sobre, entre outros, a classe baixa da sociedade brasileira e a identidade pessoal. Querendo conhecer-se a si mesma, a sua verdadeira identidade, G.H. confronta si própria com os seus pensamentos e passa por diversas apercepções e transformações, constantemente contemplando a barata, até provar da sua matéria.

5. Análise

5.1 A questão do *outro*: feminino, negro, desconhecido e ausente

O inferno são os outros. (Jean Paul Sartre)

G.H., a personagem principal de *A Paixão*, é uma mulher da classe alta, que vive no apartamento de luxo e tem empregadas. Uma destas empregadas, Janair, acabou de trabalhar para ela um dia antes. Janair é uma mulata e ao longo do livro todo, ela está presente por estar ausente. Quer dizer, não tem a voz própria, é principalmente formada e apresentada através da visão de G.H., que narra todo o enredo. Ainda por cima, a identidade da Janair é continuamente apresentada através da oposição com identidade de G.H. Consequentemente, a presença forte do elemento do *outro* parece a ser provocada.

Através desta dimensão do *outro*, a opressão das mulheres e das pessoas negras ou/e das mulheres negras, parece a ser evocada ao longo do livro, ecoando a história e a história da literatura brasileira masculina. Esta dimensão é representada através da divisão entre G.H. e Janair, empregada mulata, que no livro está fisicamente ausente, e existe só nos pensamentos da sua empregadora G.H.. Janair é definida através da oposição das características de G.H. mesma. G.H., uma mulher artista que mora no apartamento de luxo, um apartamento espaçoso, confronta o “mundo” de Janair entrando e observando o seu pequeno quarto. G.H. segundo Braidotti, representa o antagónico de Janair:

The first moment in G.H.’s encounter with otherness begins in her interaction with the absent maid: by entering her quarters, G.H. trespasses the boundaries of class and ethnicity, the maid being of a different ethnic origin than the comfortable, urban, middle-class G.H. (Braidotti 116-117)

Pode-se notar que, na visão da G.H., os dois espaços (o apartamento grande de G.H., e o quarto humilde de Janair), são rigidamente divididos. O espaço de G.H. parece conhecido, seguro e confortável, o espaço da Janair é representado como desconhecido, imprevisível e quase mistério. Enquanto G.H. descreve o quarto da empregada como “o retrato de um estômago vazio”⁹, referindo à sua limpeza e esterilidade (contra todas as probabilidades¹⁰), o seu apartamento é, segundo ela, cheio da elegância e aconchego¹¹. Lúcia Villares aponta no seu estudo¹² para a divisão rígida entre o mundo de G.H. e o mundo de Janair:

⁹ Lispector 48.

¹⁰ Ibid 41-42.

¹¹ Ibid 32, 42.

¹² The Black Maid as Ghost: Haunting in *A Paixão Segundo G.H.*

Throughout the first four chapters, one can notice that each of these worlds is associated with a range of imagery that reinforces the contrast and difference between them:

<i>G.H.'s world</i>	<i>Janair's world</i>
known	unknown
dark	light
dilettantish	productive
moist	dry
fed	hungry” (Villares 128)

Parece, e poder-se-ia dizer, que a empregada, neste contexto, recebe a identidade através da oposição da identidade de G.H.. Assim, o sentido da impossibilidade se impõe que, para Janair, seria impossível ser uma pessoa, mulher negra, independente e autônoma, se não houvesse alguém branco oposto a ela, neste caso G.H. G.H. parece considerar si mesma como o ponto da referência, porque define e observa o mundo de Janair somente através das diferenças entre si mesma e Janair, expondo o sentido da superioridade em relação a ela.

A relação entre G.H. e Janair, ou seja, a divisão palpável entre os mundos ou espaços das duas, pode ser entendida neste contexto como uma invocação da história da opressão das mulheres a pessoas negras e das consequências desta. Isto é, a invocação do tratamento injusto e racial das mulheres e pessoas de cor, da ideia da assumida inferioridade delas, que constituiu uma doutrina propagada pela elite branca patriarcal ao longo dos séculos, que sobreviveu na sociedade brasileira. (Skidmore 6-7) (Ferreira Pinto, 2-3)

Como Peixoto propõe, uma certa forma do egocentrismo, que podemos ligar ao egocentrismo histórico das sociedades e culturas dominantes como proposto pelo discurso pós-colonial, evidencia-se nos vários momentos ao longo de livro. (Peixoto 116) Um destes envolve a interpretação de G.H. de desenho feito por Janair no seu quarto, em que G.H. verifica a invisibilidade da Janair:

Olhei o mural onde eu devia estar sendo retratada...Eu, o Homem. E quanto ao cachorro – seria êste o epíteto que ela me dava? (Lispector, 45)

O aspecto estranho desta contemplação seria o facto que G.H., no desenho da Janair, retratando a imagem de um homem, de uma mulher e de um cão, da todas interpretações possíveis, acha óbvio que Janair referia a ela. Ela vê-se a si mesma

neste desenho, não deixando o espaço para a visão de Janair mesma, para a sua voz e a sua perspectiva.

No momento em que G.H. revele os seus pensamentos quanto a Janair, a dimensão do *outro*, como definida pelo discurso pós-colonial (Ashcroft et al. 170) parece fortemente evocado:

Não era de surpreender que eu a tivesse usado como se ela não tivesse presença: sob o pequeno avental, vestia-se sempre de marrom escuro ou de preto, o que a tornava toda escura e invisível – arrepiei-me ao descobrir que até agora eu não havia percebido que aquela mulher era uma invisível. (Lispector, 46)

G.H. faz uma constatação peculiar: porque eu a não vejo, ela tem de ser invisível. Esta conclusão pode-se interpretar como uma metáfora da atitude típica de sociedades e culturas dominantes em relação aos sentimentos, pensamentos, necessidades e culturas dos menos privilegiados, frequentemente pobres e da raça negra. Mas não se pode esquecer que aqui se simultaneamente refere a uma mulher. Assim, esta metáfora expande-se à área feminista, quer dizer, faz um pensar e repensar a história da opressão das mulheres.

O que adicionalmente vem à superfície dentro desta citação é o pensamento de G.H., justificando para si mesma o fato que ela nunca tivesse reconhecido a presença da sua empregada Janair: “vestia-se sempre de marrom escuro ou de preto, o que a tornava toda escura e invisível”.¹³ Também parece que a negritude e feminidade da empregada sejam comparadas por G.H. com a invisibilidade dela, referindo a invisibilidade social, política e cultural das pessoas de cor e mulheres. G.H. expõe um pensamento ou poder-se-ia dizer quase a verdade social brasileira dos anos 60: ser uma mulher e uma pessoa de cor é o sinónimo de ser à margem da sociedade. Isto realmente foi o caso dos muitos indivíduos negros, vivendo no Brasil ou no Rio de Janeiro dos anos 60 do século passado. (Daniel 1-2)

No seu estudo¹⁴, Baugher sugere que a evocação do *outro*, representada no livro por Janair, também se apresenta através da busca da identidade de G.H. mesma para a sua “verdadeira identidade”. Esta busca constitui e representa os estereótipos quanto a posição das mulheres e homens na sociedade brasileira.

Pertencendo à classe média, artista G.H. é financeiramente independente e segundo ela, “vive uma vida das homens”.¹⁵ O facto que ela é a mulher independente,

¹³ Lispector 46.

¹⁴ *Feminist Vision: Visual Art, the Act of Writing, and the Female Body in the Novels of Clarice Lispector, Lya Luftland and Diamela Eltit.*

¹⁵ Lispector 45.

não-casada e artista, aponta a suposta masculinidade dela, expondo a grande divisão entre o que se considera masculino e o que se considera feminino. Ao longo do livro, G.H. se pergunta o que ela, na verdade, é?

E quanto a homens e mulheres, que era eu? (Lispector 31)

Esta confusão parece a ser, pelo menos por uma parte, o resultado das expectativas das pessoas, da comunidade de que ela faz parte, em relação ao papel e categorização de mulheres e de homens na sociedade:

Sempre tive uma admiração extremamente afetuosa por hábitos e jeitos masculinos e sem urgência tinha o prazer de ser feminina, ser feminina também me foi um dom. Só tive a facilidade dos dons, e não o espanto das vocações – é isso? (Lispector 31)

Por outras palavras, a confusão em relação às expectativas da comunidade, que, ainda hoje, e em 1964 no Brasil católico sem dúvida, teve as suas esperanças e julgamentos concernente à função e posição das mulheres. Os pensamentos, dúvidas e expectativas que G.H. faz ao longo do livro à relação com a (sua) suposta feminidade ou masculinidade, como a sua aparente luta entre as duas, servem como uma reflexão sobre a história da opressão masculina, já afirmada por Ferreira Pinto. (25)

Baughner declare que uma destas expectativas, que parece a ser exposta quase no início do livro por G.H., tem a ver com a visão da superioridade do homem e refere à simbologia do órgão sexual masculino, escondida no termo “terceira perna”:

Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar mas que fazia de mim um tripe estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil de terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar me procurar. (Lispector 8)

No entender de Baughner, aqui se expõe a opressão das mulheres mais forte do livro porque se recorre à imagem das mulheres como entidades incompletas, que é divulgada nas sociedades falocêntricas¹⁶. (95) Baughner explica como é que esta visão

¹⁶ Falocentrismo designa o acto de privilegiar o masculino (o falo) na compreensão do significado ou nas relações sociais. (Wetzel 30)

da superioridade masculina (em relação à suposta “incompleta” feminidade) funciona no processo da transformação de G.H.:

How is G.H. to search for the Self if not by the way the Self is formed in relation to the Other? G.H. attempts to reject the role of Other in relation to the male Self(...) She also realizes how difficult this is, stating, for example, that fear causes her to want prison (convention) since it is easier than freedom. G.H. wants to find out how it is that she plays the role of Other to the male Self, and to do so she must find who plays the Other to her Self. Therefore, Janair is crucial to the novel. The white, financially independent woman (with her self proclaimed “vida de homens”) looks to the person that she has made into an Other. She remembers this absented Other, and sees her for the first time by way of reading the visual traces that she leaves behind. In doing so she realizes that she, G.H., also played the Other to Janair’s Self. (102)

A atitude relativamente às empregadas, evocando a história da opressão de mulheres por mulheres nas sociedades coloniais (Ferreira Pinto 25) vem à superfície quando G.H. declara:

A lembrança da empregada ausente me coagia. Quis lembrar-me de seu rosto, e admirada não consegui – de tal modo ela acabara de me excluir de minha própria casa, como se me tivesse fechado a porta e me tivesse deixado remota em relação à minha moradia. A lembrança de sua cara fugia-me, devia ser o lapso temporário.

Mas seu nome – é claro, é claro, lembrei-me finalmente: Janair. (Lispector 45)

O facto que G.H. tem dificuldade a lembrar-se da cara ou do nome da sua empregada, pode ser visto como um símbolo da irrelevância e exclusão social da classe baixa à qual Janair pertence como uma empregada da pele negra. Por não poder ou querer lembrar-se do nome da sua empregada, G.H. pode negar a identidade da Janair, ecoando a história da negligência das pessoas de cor. Este não-reconhecimento tem como consequência que a identidade de G.H. pode sobreviver, salvando-a da confrontação com si mesma. Por outras palavras, afirmar a identidade de Janair significaria para G.H. a confrontação com si mesma como um opressor. Então, parece que, primeiramente, ela tenta evitar esta confrontação, de que tem tal medo. No momento em que G.H. sim se lembra do seu nome, parece que ela fez isso, só depois ter feito um *outra* de si mesma: “...de tal modo que ela acabara de me excluir de minha própria casa, como se me tivesse fechado a porta e me tivesse deixado remota em relação à minha moradia”.

Seguindo o pensamento de Villares e Baugher, envolvendo o aspecto da “desconstrução da brancura”¹⁷ e a transformação de G.H. no *outro*, o facto que G.H. faz um *outro* de si mesma, parece apontar a desconstrução da sua identidade através do reconhecimento de que ela constitui, por sua parte, o *outro* para Janair. Esta reconhecimento leva-a até a percepção relativa e filosófica: cada um tem a sua visão, a sua perspectiva, a sua voz.

G.H., sendo uma mulher que “vive a vida de homens” (que parece a ser o sinónimo da vida livre e autónoma), constitui um *outro* na sociedade masculina, da mesma forma que Janair, sendo a pessoa negra, constitui um *outro* para G.H.. Assim, a relação entre G.H. e Janair, a dicotomia que se apresenta entre as duas e entre os seus mundos, assim como a busca de G.H. para a sua “verdadeira identidade”, poder-se-ia entender como uma representação micro da história da dominação branca masculina no Brasil colonial e das repercussões desta mesma na sociedade brasileira da época quando Lispector escreveu o livro. Através da evocação da dimensão do *outro*, que se estende ainda mais até o animal, a barata, Lispector parece, por meio da confrontação dos leitores com a dimensão da opressão e marginalização que o elemento do *outro* implica, expor e desconstruir esta opressão na literatura e na sociedade brasileira.

5.2 Empregada e barata: uma relação?

A barata, que aparece depois da contemplação de G.H. sobre Janair, também tem um papel do *outro*, servindo segundo muitos críticos como a personagem que inicia o processo da busca metafísica de G.H. para a essência da vida. Segundo Williams, através da identificação com a barata, G.H. compreende que a matéria da vida (seja ela humana ou animal) seja mais semelhante do que sempre pensava. Consequentemente, esta conclusão lhe levaria ao avanço do processo da perda da identidade humana. (250) Outros, como Hélène Cixous sugeriam que a barata representasse o feminino *outro*. (Reis)

Reis afirma uma ligação entre a barata e a empregada Janair através de assumidas semelhanças características e funções: ambas representam, segundo Reis, do ponto da vista pós-colonial, o *outro*, feminino e negro, e ambas provocam um processo da contemplação filosófica de G.H.. Esta afirmação não tem como consequência imediata e lógica, por definição, que a barata represente a empregada, mas certamente liga as duas. Além disso, Reis exprime a crítica sobre o entendimento de Cixous, que não inclui a constatação da raça do *outro feminino*.

¹⁷ Villares nem Baugher usam directamente este termo.

While Cixous correctly understands that, in *The Passion*, the cockroach is feminine and represents the feminine Other, she fails to see that the feminine Other is also black. (Reis 133).

Esta falta da observação por Cixous pode ser interpretada como mais uma indicação do egocentrismo europeu branco (Cixous sendo a autora europeia branca), proposto pelo discurso pós-colonial.

Pode-se dizer que existe uma certa divisão no livro, como foi reparado por Villares. (126) A saber, primeiros quatro capítulos do livro envolvem a empregada, o resto dos capítulos concentram-se na barata. Após a aparição da barata, a empregada desaparece quase totalmente. O que têm a empregada Janair e a barata em comum e será que podemos estabelecer qualquer relação entre estas duas? Esta pergunta precisa de uma cuidadosa aproximação, não em último lugar por causa do tema controverso. Quero sublinhar que uma possível relação assumida no livro entre a Janair e a barata, não exprime o pensamento racista de Lispector, mas provavelmente tem como função uma confrontação com, e reconhecimento da história e da realidade da discriminação dos negros, frequentemente vistos como menos valorosos e, até, segundo alguns, da ordem animal.

Villares sugere que a empregada volta a incomodar G.H., pelo menos por um instante, transformada na barata (138): “A barata não tem nariz. Olhei-a, com aquela sua boca e seus olhos: parecia uma mulata à morte”. (Lispector 65) A barata, como a empregada, representam os objetos da contemplação, que evocam a transformação em G.H.. Isto sendo um ponto de acordo, geralmente aceitado pela maioria dos críticos, parece que só poucos fossem além disso, e sugeriam que a Janair, metaforicamente fosse a barata, e que a barata mesmo fosse a Janair, de um ponto de vista de G.H., ligando estes dois *outros* em um. A ligação assumida por Pirott-Quintero entre a empregada e a Janair, como o sentido da metáfora da barata vem da observação que:

The confrontation with Janair’s room and the cockroach in it, all of which functions as a kind of metonymy for Janair, is indeed cause for an earth-shaking transformation: G.H. is forced to face “the shadows” of her apartment and of herself. (Pirott-Quintero)

Uma razão possível e logicamente coerente neste contexto, da substituição da Janair como objecto da contemplação por G.H., pela barata, poderia ser que a confrontação com a barata seria mais fácil, porque a barata não julga e não tem a capacidade para ressentimento, como uma pessoa. G.H. admite que não é habituada à crítica:

Havia anos que eu só tinha sido julgada pelos meus pares e pelo meu próprio ambiente que eram, em suma, feitos de mim mesma e para mim mesma. Janair era a primeira pessoa realmente exterior de cujo olhar eu tomava consciência. (Lispector 45)

Neste contexto vale lembrar-se do pensamento sartriano, provavelmente mais conhecido dele: o inferno são os outros¹⁸. Sartre acredita que a autoconsciência precisa do *outro* para confirmar a sua existência e que fica limitada através da consciência reflectiva do outro sujeito:

(...) if the relations with the Other are twisted, then the Other can only be hell...The Other is, fundamentally, what is most important in ourselves, in our own understanding of ourselves. (Drake 60)

Este pensamento existencialista, onde a única força do julgamento (no pensamento existencialista Deus não tem papel nenhum) refere às relações interpessoais, parece também ser crucial no entendimento de Villares desta obra:

...G.H. comes to recognize the “subjective existence” of someone who is made invisible in Brazilian society: her former black maid Janair. The recognition of Janair as an individual provokes a collapse of G.H.’s identity-structure. Part of this identity-structure has been based on an idea of the nation that had excluded the visibility of the maid. (127)

G.H. deixa a si mesma sentir “o ódio silencioso daquela mulher”¹⁹, que G.H. supõe Janair tivesse de ter dela. O acontecimento muito interessante surge após este acto: subitamente e inesperadamente, como ela mesma conclui, G.H. para a ter dificuldades de se lembrar do rosto da Janair. Isto aponta ao pensamento que, ao reconhecer ou tentar reconhecer os sentimentos da Janair, G.H. reconhece a sua identidade, através do seu rosto. (Lispector 45) Villares continua:

(...)Janair becomes visible as a black person who has her own consciousness, her own gaze and her own feelings. Upon becoming aware of this critical consciousness, G.H. is forced to confront her own whiteness, suddenly made visible. Such visibility is unbearable, leading to the breakdown of her sense of identity. (127)

¹⁸ Este pensamento vem do diálogo da peça existencial *Huis Clos* de Sartre de 1943.

¹⁹ Lispector 46.

Parece que este reconhecimento da Janair seja confrontante e inquietante demais, que possivelmente leva à substituição ou transformação da Janair pela barata. No seu estudo²⁰, Ribeiro de Oliveira afirma esta analogia, ou mesmo a unidade das duas, após a investigação das semelhanças físicas e funcionais entre a barata e a Janair:

A empregada e o insecto são, pois, a mesma figura. Janair é a representante das classes oprimidas, cuja voz foi sufocada pelo grupo opressor: “Aquele mulher era a representante de um silêncio como se representasse um país estrangeiro, a rainha africana. É que ali dentro de minha casa se alojara, a estrangeira, a inimiga indiferente”. A barata tem a mesma função de representante das classes desfavorecidas. Por isso, G.H. a associa à sua infância pobre. (346)

Dentro deste pensamento, a possível unidade de Janair e da barata, parece aceitável e lógica. O facto que Janair, então, seria transformada no insecto, faz ainda mais sentido quando se observe na luz da confirmação de Villares, que a visibilidade da sua brancura (e da opressão dos outros que a acompanha) é insuportável para G.H. Por isso, pode-se concluir, ela transforma a Janair na barata, o sujeito não humano. Assim, G.H. evita a confrontação directa e dolorosa demais, mais uma vez ecoando a atitude das classes privilegiadas em relação à classe desprivilegiada frequentemente constituída das mulheres, das pessoas de cor e das pessoas economicamente fracas.

5.3 Estratificação social e pobreza urbana

G.H., a mulher branca brasileira, contempla a invisibilidade de Janair, uma mulher brasileira da pele negra, evocando a dimensão da estratificação social, ligada à dimensão do *outro*, elaborada no capítulo 5.1. Pode-se assumir que Janair, sendo uma empregada negra da classe baixa, pertence à família descendente dos escravos africanos. Daniel, no seu estudo sobre a relação entre a raça e o status social e económico, afirma a correlação forte entre estes dois, sublinhando as consequências e influências da história colonial na sociedade brasileira contemporânea. Estas consequências são visíveis nas áreas variadas da vida pública, como a educação e o emprego. Neste contexto, Daniel insiste que vários estudos apontam a presença desproporcional dos brasileiros africanos à base da sociedade em termos da educação e ocupação, associando-os com profissões de status baixo como empregada doméstica. (11, 15)

Janair, neste contexto, pode ser entendida como a evocação da estratificação social, da história da escravatura e da opressão das pessoas de cor, que resultou, entre outros

²⁰ A Paixão segundo G.H.: uma Leitura Ideológica.

fenómenos, na existência das inúmeras favelas no Rio de Janeiro e no Brasil. Ao contrário, G.H., uma mulher que pertence à classe privilegiada e branca brasileira, representa elite dominante que é, segundo Daniel, composta por uma grande parte dos descendentes europeus que ainda preservam os valores europeus que implicam a superioridade do homem branco. (9)

A dimensão da desigualdade e o aspecto da estratificação social parecem ser simbolizados pela diferença entre G.H. e a Janair, obviamente assumida e representada no livro, através do fosso social e cultural, separando as duas. Uma das alusões mais claras que apontam à estratificação social no livro é a parte onde G.H. descreve a posição do quarto da empregada e as suas expectativas quanto ao estado deste:

Decidida a começar arrumar pelo quarto da empregada, atravessei a cozinha que dá para a área de serviço. No fim da área está o corredor onde se acha o quarto. (Lispector 38)

Começaria talvez por arrumar pelo fim do apartamento: o quarto da empregada devia estar imundo, na sua dupla função de dormida e depósito de trapos, malas velhas, jornais antigos, papéis de embrulho e barbantes inúteis. (Lispector 37)

Por um lado, aqui se recorre à arquitetura dos apartamentos ou das casas, onde o quarto da empregada sempre foi situado no fundo, tentando fazer a sua presença tão invisível como possível. Por um outro lado, a expectativa de G.H. que o quarto tivesse de ser sujo, tem a ver com estereótipos resultantes da história brasileira, envolvendo a ideia da inferioridade dos negros, explicada por uma parte através da pobreza deles. Daqui consequentemente surge a ideia racista: que estaria na natureza dos pobres negros a ser sujo e pouco higiénico.

G.H. olha do seu apartamento sobre a cidade, tendo a vista sobre uma favela. Parece que G.H., na citação que segue, revela a dicotomia social e económica do Rio de Janeiro, mas a metáfora se pode estender ao nível do país todo. Ela observa:

Uma cidade de ouro e pedra, o Rio de Janeiro, cujos habitantes ao sol eram seiscentos mil mendigos. O tesouro da cidade poderia estar numa das brechas do cascalho. Mas qual delas? Aquela cidade estava precisando de um trabalho de cartografia. (Lispector 128)

Como afirmado por Peixoto e Ribeiro & Lago, as favelas do Rio de Janeiro coexistiam com os bairros mais luxos da cidade, criando uma situação urbana muito surreal. É provável que Janair, a mulata empregada, vive na favela, como descendente dos escravos que, segundo Morris & Pyle, eram os primeiros residentes das favelas do Rio.

Ao longo do livro, a pobreza urbana é constantemente contrastada com as alusões à riqueza. G.H. declara que mora no apartamento elegante e luxuoso, no último andar de um edifício alto, tendo a vista sobre uma favela.

Além das gargantas rochosas, entre os cimentos dos edifícios, vi a favela sobre o morro e vi uma cabra lentamente subindo pelo morro. Mais além estendiam-se os planaltos da Ásia Menor. Dali eu contemplava o império presente. Aquele era o estreito de Dardanelos. Mais além as escabrosas cristas. (Lispector 118)

O acto peculiar que acontece aqui é que G.H., após de constatar a presença da favela, logo a desloca, de certa forma afastando-a do Rio de Janeiro, como se ela não lhe pertencesse. A favela fica imaginada por G.H. até na Ásia Menor, fora do Brasil, que se pode interpretar como uma alusão à imagem exótica das favelas. Esta imagem é directamente ligada à glorificação da pobreza, existindo na cultura popular brasileira, resultando na manutenção política do estabelecimento que recusava reconhecer a injustiça social (Daniel, 11). É possível concluir que G.H., fazendo isso, simbolize uma atitude, visível na (história da) política do Brasil acerca das favelas e da injustiça social em geral: da falta de reconhecimento e envolvimento sincero.

Além disso, o não-reconhecimento de G.H. quanto à pobreza urbana, mesmo que ela mesma seja cercada pela favela, aponta também ao já mencionado medo da confrontação com si mesma como um dos factores, ou mesmo colaboradores (como a pessoa branca privilegiada) desta desigualdade e injustiça social.

Como se explica que o meu maior medo seja exactamente o de ir vivendo o que for sendo? Como é que se explica que eu não tolere ver, só porque a vida não é o que eu pensava e sim outra – como se antes eu tivesse sabido o que era! Por que é que ver é uma tal desorganização?

É uma desilusão. Mas desilusão de quê? se, sem ao menos sentir, eu mal devia estar tolerando minha organização apenas construída? Talvez desilusão seja o medo de não pertencer mais a um sistema. (Lispector, 9-10)

Não pertencer mais a um sistema poderia referir à sociedade que oprime, estratifica e exclui as minoridades, mulheres e assim por diante. Não pertencer mais a este sistema

implicava as consequências e mudanças grandes de alguém que questionaria o sistema, o status-quo.

No final, parece que Lispector tenta sublinhar a diferença de classes e o afastamento da personagem principal da pobreza urbana que a acerca, por meio da exposição da certa noção da superficialidade e o sentido da superioridade de G.H., como é aparente nesta citação:

O apartamento me reflete. É no último andar, o que é considerado uma elegância. Pessoas de meu ambiente procuram morar na chamada “cobertura. É bem mais que uma elegância. É um verdadeiro prazer: de lá domina-se uma cidade. (Lispector 32)

A descrição do seu apartamento, propõe Villares, serve como uma indicação do seu status social alto. (129) O mais importante e evidente nesta citação, é a noção do prazer que ela sente por ser a pessoa de classe média. Ela exprime a sua satisfação por pertencer a esta classe, revelando a noção da “dominação” que a acompanha. O sentido da dominação que G.H. sente, pode ser ligada à história da opressão branca da época colonial, que se manteve após da abolição da escravatura, influenciando intensivamente a sociedade brasileira. Lispector parece querer evocar esta história, como as consequências dela, e ao mesmo tempo, apontar à complexidade que acompanha o processo do reconhecimento desta história e a sua desconstrução eventual pela elite branca.

5.4 Consciencialização individual em função da reflexão sobre a realidade social?

Apesar de, inicialmente, exprimir as fortes convicções preconceituosas concernente à sua empregada, às pessoas de classe baixa em geral, reflectindo a dominação e opressão da classe privilegiada brasileira, G.H. parece, sobretudo ao fim do livro, ter atingido a transformação pessoal. Esta transformação, o resultado da longa contemplação na forma do monólogo extenso, parece a ser provocada pela confrontação com Janair, ou melhor, o seu quarto e o desenho nele, e pela confrontação com a barata. No último capítulo concluí que Janair e a barata podem ser entendidas como uma mesma figura: a que representa o feminino desprivilegiado. A suposta transformação de G.H., o seu processo da compreensão torna-se visível após a consumação da barata. Neste acto, apresenta-se a aceitação total do *outro*. Depois disso, G.H. parece metamorfoseada e exprime o sentido da distância, do afastamento da vida que até então levou:

Foi assim que fui dado os primeiros passos no nada. Meus primeiros passos hesitantes em direcção à Vida, e abandonando a minha vida. (Lispector 95)

G.H. parece transformar-se em alguém que busca a verdade dentro de si, em vez de fora de si. Esta conversão do foco faz pensar nos princípios existencialistas, que sublinham o perigo dos valores institucionais, sejam elas religiosas, políticas ou sociais.

“Os (primeiros) passos no nada” apontam à existência não preconceituosa, que aberta a possibilidade do entendimento mais grande. G.H. parece precisar deste nada, como ela precisa de perder a sua identidade (branca, privilegiada) para tornar-se mais tolerante e compreensiva em relação aos outros:

A despersonalização como a grande objetivação de si mesmo. A maior exteriorização a que se chega. Quem se atinge pela despersonalização reconhecerá o outro sob qualquer disfarce: o primeiro passo em relação ao outro é achar em si mesmo o homem de todos os homens. Toda mulher é a mulher de todas as mulheres, todo homem é o homem de todos os homens, e cada um deles poderia se apresentar onde quer que se julgue o homem. (Lispector 210).

Como já anunciado no início desta análise, eu sugiro que a transformação ou consciencialização pessoal de G.H. serve como símbolo da transformação social, que, julgando pela inclusão severa da injustiça social em muitas formas, parece ser implicada pela escritora.

Baughner, no seu estudo, comentando o papel da arte (o desenho que G.H. encontra no quarto da empregada) em *A Paixão* sugere que:

The critical readings of visual artwork that Lispector, Luft and Eltit carry out in their novels present the body on both linguistic and visual levels, and as both subject and object of the gaze. This “space” in Lispector, Luft, and Eltit’s novels can be read respectively as a philosophical, psychological, and social or public space. The relation of the figure to the space, or the illusion of space, not only describes the world that the characters inhabit but also performs a cultural critique of the society from which each author writes. (4)

O desenho de Janair torna-se aqui um “espaço” social, referindo à falta da independência, relevância e autonomia de classe baixa. Bem considerado, das todas interpretações possíveis, G.H. assume que o desenho refere a ela.

O pensamento de Baughner, que a crítica da sociedade é central em *A Paixão*, partilha também Villares, que propõe que exista uma certa dimensão da experiência

de *haunting* em *A paixão segundo G.H.*. Vilares tira a teoria de *haunting* de Avery Gordon, uma socióloga norte-americana que sugeria no seu estudo²¹, que “*haunting* recovers the evidence of things not seen” e que através de *haunting* tornamos-nos conscientes dos sujeitos perdidos da história – os perdidos e desaparecidos e os espaços cegos onde eles residem. (Villares126-7) Gordon esclarece a sua teoria de *haunting*:

What’s distinctive about haunting is that it is an animated state in which a repressed or unresolved social violence is making itself known, sometimes very directly, sometimes more obliquely. I use the term *haunting* to describe those singular, yet repetitive instances when home becomes unfamiliar, when your bearings on the world lose direction, when the over-and-done-with comes alive, when what’s been in your blind spot comes into view.

Experiência de *haunting*, no contexto do livro, está representada pela presença da empregada Janair através da sua ausência. A voz da Janair fica silenciada, simbolizando o papel marginal dos negros e pobres, como das mulheres, na sociedade brasileira. Todo o livro é narrado por G.H., aumentando o sentido da dominação de G.H., dominação da sua visão e interpretação, aludindo na dominação da classe alta, constituída sobretudo por brancos privilegiados. Apesar disso, não se pode negar que a presença de Janair é muito intensa, penetrante e decisiva para o livro. Todo isto aponta ao *haunting* de Janair, na forma da sua presença silenciada, mas também através do espaço (o quarto) que ela habituava. Este quarto, anteriormente “o quarto da dupla função de dormida e depósito de trapos, malas velhas, jornais antigos, papéis de embrulho e barbantes inúteis”²², por outras palavras, o ponto cego da casa, passa a ser o espaço onde tudo acontece.

Pirott-Quinteiro, na sua dissertação nominada *Textual Violence in Feminist Criticism: The Case of Hélène Cixous and Clarice Lispector*, contemplando a prioridade dada a “transformação filosófica e transcendental” de G.H., pelos muitos críticos, escreve:

G.H.’s moment of epiphany is not much her realization that she has consumed another being, the cockroach (as Cixous would argue), but that she has committed too saintly an act; her arrogance has blinded her to the human realm, represented by Janair, and made her focus on something more elevated, more “transcendental” – the cockroach. She comes to realize that “a lei é que eu viva com a material de uma pessoa e não de uma barata”. This is one of the the greatest lessons in *A paixão de G.H.*

²¹ Ghostly Matters: Haunting and the Sociological Imagination.

²² Lispector 37.

G.H. tenta a livrar-se dos seus preconceitos, seus pensamentos fixos, achando a encontrar “a verdade”, sabendo que esta verdade teria muitas consequências na sua vida. Se G.H. percebesse que todos somos iguais, no sentido transcendental e social, isto teria consequências grandes e talvez mais confrontantes quando aplicado na vida quotidiana, vida social, do que no domínio metafísico. G.H. teria de afastar-se da sua identidade branca e privilegiada, do seu comportamento, aceitando que a vida que teve antes era uma vida que merece certo grau da danação e da crítica:

Eu sabia que entrar não é pecado. Mas é arriscado como morrer. Assim como se morre sem se saber para onde, e esta é a maior coragem de um corpo. Entrar só era pecado porque era a danação de minha vida, para a qual eu depois não pudesse talvez mais regredir. Eu talvez já soubesse que, a partir dos portões, não haveria diferença entre mim e a barata. Nem aos meus próprios olhos nem aos olhos do que é Deus. (Lispector 95)

Esta citação oferece uma das mais fortes indicações que justificam a hipótese proposta nesta dissertação. Através deste pensamento da igualdade fundamental entre G.H. e a barata (a representação metafórica para Janair), surge a dimensão da consciencialização social. Admitindo que tenha medo entrar neste pensamento da igualdade e que seja um risco (porque seria difícil de mais aceitar a realidade da injustiça social e abandonar os velhos valores), G.H. funciona como símbolo da consciencialização desta realidade social injusta.

Desde o início do livro, com as primeiras palavras, o aspecto da inquietação e perturbação com a certa experiência, neste momento ainda desconhecida, é visível. Depois, quando fica dado que esta experiência envolve a desconstrução da identidade de G.H., provocada pela Janair e depois pela barata, e que o encontro com Janair foi confrontante de mais, o medo parece estar central:

...estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quem ficar como que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. Não confio no que me aconteceu. Aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não a saber como viver, vivi uma outra? A isso quereria chamar desorganização, e teria a segurança de me aventurar, porque saberia depois para onde voltar: para a organização anterior. A isso prefiro chamar desorganização pois não quero não me confirmar no que vivi — na confirmação de mim eu perderia o mundo como eu o tinha, e sei que não tenho capacidade para outro. (Lispector 7)

A influência da organização do sistema social, responsável para formação dos valores duma sociedade, e a sua força formadora e doutrinada vêm a superfície nesta citação. O facto que G.H. nem pode imaginar como viver ou se comportar no mundo e afastar-se das suas velhas convicções, testemunha deste condicionamento social e cultural, cuja dominação parece a estar exposta por Lispector.

Que Lispector queria atingir o processo da consciencialização social e, consequentemente a transformação nos seus leitores pela sua obra, é proposto por Gotlib no seu estudo²³ sobre a recepção da obra de Lispector e das marcas distintivas que acompanham a experiência de lê-la. Gotlib sugere que Lispector evoca, deliberadamente, os estereótipos das convenções e tradições, quais, em seguida, se tornam o foco do inquérito sobre a sua relevância. (192) Neste processo, a consciencialização do leitor é fundamental:

As a result, it seems to me that Lispector's inventiveness in trying to entangle her reader in the well-laid trap of her text is that of shrewdly leading him to wonder, still inspired by her Cartesian *anti-cogito*: I, the reader, who am I? (Gotlib 184)

Esta pergunta leva o leitor examinar a sua vida, suas convicções, e ultimamente, resulta na reinvenção de si mesmo.

The reader, barely surviving, discovers himself culturally denuded, in a hazardous state of not knowing, close to his own savage perception, in an advanced stage of another "reader-being", diluted in his own lack of personhood, committing suicide through his reading. And predisposed, in this way, to a beneficial reinvention of himself. (Gotlib 195)

Afinal, voltando para o pensamento de Villares concernente o tema subjacente do livro, poderia se dizer, apontando à parte final do capítulo 5.3, que Lispector quisesse sublinhar o facto que, na esfera da sociedade dos anos 60 do século passado, era mais fácil e socialmente aceitável para um autor questionar a existência humana, numa maneira destacada e abstracta, do que questionar ou criticar as ideias e as práticas estabelecidas pelo ordem dominante.

²³ Readers of Clarice, Who Are You?

6. Conclusão

...a lei é que eu viva com a material de uma pessoa e não de uma barata.

No último capítulo, eu continuamente mostrei que a dimensão social não só é presente em *A Paixão*, mas, ao mesmo tempo, exprime o pensamento principal desta obra. Esta conclusão está oposta à leitura dos críticos literários como a de Williams, que abordava o aspecto social como se fosse da importância secundária, em baixo da consciencialização filosófica e metafísica da personagem principal.

Ao longo da análise, eu investiguei a dimensão social evocada no livro e o significado dela. O meu objectivo foi determinar o que papel se poderia atribuir a esta dimensão social, apresentada ao lado do processo da consciencialização pessoal. Como pontos da investigação mais importantes, eu afirmei a presença do aspecto do *outro* (feminino) e o aspecto da estratificação social e pobreza urbana no livro, ligando-os com a injustiça social brasileira (histórica).

A consciencialização social surge ao longo de livro e apresenta-se das formas diferentes. Pode-se dizer que *A paixão segundo G.H.* envolve os temas sociais vários, desde uma sociedade de classes até a posição das mulheres na sociedade brasileira. O desenho que Janair deixa nas paredes antes de partir, G.H. interprete como um desenho que apresenta ela mesma. O facto que G.H. tem uma vista sobre a favela, mas no mesmo tempo está totalmente isolada desta realidade, aponta à sociedade brasileira de fortes desigualdades. Também, a sociedade de classes e a opressão social manifestam-se no livro por meio da presença (ou da ausência) da empregada, aludindo na invisibilidade de classe desprivilegiada. O jeito com que G.H., uma mulher da posição social alta, pensa sobre a sua empregada Janair, parece ter uma função de confrontação com os estereótipos, evocando os pensamentos críticos. As expectativas de G.H. sobre Janair compõem uma manifestação da velha tradição e história das relações sociais e raciais desiguais no Brasil.

Através todas estas representações da injustiça social, o sentido da dominação do branco, privilegiado sujeito fica evocado. Abstraindo, estas representações podem ser vistas como alusões à injustiça social, expondo a ideologia colonial, que sobreviveu no Brasil.

O facto que Lispector substitui o ponto da contemplação, movendo da barata para Janair provavelmente reflete a negligência em relação ao problema nacional da injustiça social. Simultaneamente, a substituição testemunha da clima social e política de anos 60 do século passado. Temos de lembrar-nos que este livro foi escrito em 1964, quando tal discurso crítico da sociedade e da história brasileira era problemático expor na comunidade brasileira, explicando a maneira com que Lispector o apresenta: quase escondido. Isto esclarece a noção de medo, ao qual a personagem principal

continuamente aponta, e ao mesmo tempo, afirma a dificuldade e o problema do não-reconhecimento da história da opressão.

Ao longo desta dissertação, tentei descobrir, em que medida fosse possível considerar o processo da consciencialização (filosófica e metafísica) da personagem principal como um convite ou metáfora para reflexão sobre a realidade social. A ideia que Lispector era uma escritora com interesse mais grande e profundo para questões sociais, do que muitos críticos sugeriam, era na parte de trás da minha mente, como uma sub-hipótese. Que o processo da consciencialização metafísica e filosófica pessoal, poderia ser visto como secundário em relação à consciencialização social vem à superfície quando G.H. conclui, após a contemplação filosófica intensa e profunda, que ela “viva com a material de uma pessoa e não de uma barata. (Lispector 204) Esta conclusão inevitavelmente faz pensar ao pensamento central do existencialismo: um que envolve a responsabilidade social e a liberdade individual (que não segue o discurso dominante), ambos, agora podemos concluir, desejáveis no Brasil que se então, ainda não tinha enfrentado com o seu passado nacional ou com a realidade social resultando dela.

Lispector parece a produzir um espaço literário, que serve como uma reflexão da realidade social do Brasil, e, no mesmo tempo, produzir uma forma da crítica concernente a esta mesma realidade. Villares já observou que esta obra de Lispector constitui muito mais do que um inquérito filosófico para dentro da substância de um “eu” humano. Seria mais o tipo da crítica da realidade social, onde, como no livro, o reconhecimento dos *outros*, da história da opressão, resultante na estratificação social e na imensa pobreza no Brasil, provocariam uma crise grave da identidade (nacional) dos muitos brasileiros. (Villares 140)

No fim, reconhecendo o facto que esta obra já foi aproximada das perspectivas inúmeras, inclusivamente a perspectiva religiosa e perspectiva pós-estruturalista, queria referir ao ensaio de Roland Barthes, chamado *The Death of the Author* de 1977. Neste ensaio, Barthes sublinha a independência do texto qualquer em relação ao seu autor e define o leitor como decisivo no processo da construção semântica do texto, pelo o que significado do texto surge. Por isso, o entendimento da obra qualquer depende fortemente da visão, pensamentos e sentimentos dos leitores. (Allen 73-78) Assim, esta análise exprime o entendimento meu de *A Paixão* e sublinha a dimensão social, mais profundamente e significativamente do que as interpretações dos outros críticos desta obra.

7. English summary

Within this analysis of Clarice Lispector's *A Paixão Segundo G.H.* (*A Passion according to G.H.*), I have strived to establish a connection between the process of transformation that the main character, G.H., undergoes, and the role of many references that point to a social critique of the Brazilian society that is experienced throughout this work. Through the process of linking these references to a broader scope that encompasses the history of colonization and slavery in Brazil as well as the social stratification and the oppression of many groups (women, African-Brazilians and others) that developed as the result of it, I have concluded that there is a strong link between G.H.'s personal transformation and these references of social critique. As a consequence, and making use of different socio-literary theories, I suggested that the personal transformation that G.H. experiences, which frees her from many prejudices that resulted from social conditioning, serves as a kind of a metaphor for the much needed social transformation of Brazilian society and its values. In doing so, I have opened up the door to considering Lispector more of a socially aware writer, to the contrary of what she has been defined by many in the past.

8. Bibliografia

- Allen, Graham. *Roland Barthes*. London: Routledge, 2003.
- Ashcroft, Bill et.al. *Key Concepts in Post-Colonial Studies*. London: Routledge, 1998.
- Ashcroft, Bill et al. *The Post Colonial Studies Reader*. Oxford: Routledge, 2006.
- Barker, Francis et al. *Colonial discourse/postcolonial theory*. Manchester: Manchester University Press, 1994.
- Baugher, Joyce. *Feminist Vision: Visual Art, Act of Writing and the Female Body in the Novels of Clarice Lispector, Lya Luft and Diamela Eltit*. Ann Arbor: ProQuest Information and Learning Company, 2008.
- Blackburn, Simon. *The Oxford Dictionary of Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- Braidotti, Rosi. *Nomadic Subjects. Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory*. New York: Columbia University Press, 2011.
- Conley, Verena Andermatt. *Hélène Cixous. Writing the Feminine*. University of Nebraska Press, 1984.
- Cooper, David E. *Existentialism. A Reconstruction*. Oxford: Blackwell Publishers Inc., 1990.
- Coutinho, Eduardo de Faria. "Brazilian Modernism". *Modernism. A Comparative History of Literature in European Languages*. Ed. Astradur Eysteinnsson et al. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007. 759-768.
- Daniel, Reginald G. "White into Black: Race and National Identity in Contemporary Brazil". *University of California, Santa Barbara*. Web. 5. 9. 2010.
<<http://www.education.ucsb.edu/socialjustice/daniel.pdf>>
- Drake, David. *Sartre. Life and Times*. London: Haus Publishing, 2005.

- Essed, Philomena et al. *A Companion to Gender Studies*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- Fausto, Boris. *A Concise History of Brazil*. New York: Cambridge University Press, 1999.
- Gordon, Avery. *Ghostly Matters. Haunting and the Social Imagination*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- Gotlib, Nádia Battella. "Readers of Clarice, Who Are You?". *Closer to the Wild Heart. Essays on Clarice Lispector*. Ed. Cláudia Pazos Alonso e Claire Williams. Oxford: Legenda, 2002. 182-197.
- Kaufmann, Walter. *Existentialism from Dostoyevsky to Sartre*. New York: Meridian Books Inc., 1956.
- Kristal, Efraín; *The Cambridge Companion to The Latin American Novel*; Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- Leeming, David A. et al. *Encyclopedia of psychology and religion. Volume 2*. New York: Springer Science+Business Media, 2009.
- Lispector, Clarice. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- Lispector, Clarice. *A Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1972.
- Lispector, Clarice. *The Passion According to G.H.* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.
- Morris, Fred B. & Pyle, Gerald F. "The Social Environment in Rio de Janeiro in 1960's". *Economic Geography*. 47 (1971): 286-299. Web.
- Moser, Benjamin. *Why This World. A Biography of Clarice Lispector*. Proefschrift 2009.
- Nunes, Zita. "Anthropology and Race in Brazilian Modernism". *Colonial Discourse/Postcolonial theory*. Ed. Francis Barker et al. Manchester: Manchester University Press, 1994. 115-125.

- Oliveira, Solange Ribeiro de. “O Seco e o Molhado: A Transubstanciação do Regional no Romance de Clarice Lispector”. *Periodicos: Universidade Federal de Santa Catarina*. Web. 30.10.2011.
<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/17510/16089>>
- Peixoto, Marta. “Fatos São Pedras Duras: Urban Poverty in Clarice Lispector. *Closer to the Wild Heart. Essays on Clarice Lispector*. Ed. Cláudia Pazos Alonso e Claire Williams. Oxford: Legenda, 2002. 106-125.
- Pinto, Cristina Ferreira. *Gender, Discourse and Desire in Twentieth-Century Brazilian Women’s Literature*. West Lafayette: Purdue University Press, 2004.
- Quintero, Laura Pirott. “Textual Violence in Feminist Criticism: The Case of Hélène Cixous and Clarice Lispector”. *Program in Interdisciplinary Humanities. Florida State University*. Web. 30.09.2011.
<http://iph.fsu.edu/interculture/pdfs/pirott-quintero%20lispector_and_cixous.pdf>
- Reis, Levilson C. “The Invisible, the Unclean, the Uncanny: The Feminine Black Other in Lispector’s *The Passion According to G.H.*”. *The Explicator*. 68.2 (2010): 133-135. Web.
- Ribeiro, Luiz Cesar de Queiroz & Luciana Corrêa do Lago; “A Oposição Favela-Bairro no Espaço Social do Rio de Janeiro”; *São Paulo em Perspectiva*, vol. 15 no.1; São Paulo, Jan-Mar 2001.
- Rodrigues, Manoel Freire. “Uma Encenação Cômica da Tragédia Brasileira: Notas Sobre *A Hora da Estrela*”. *Unicamp. Universidade Estadual de Campinas*. Web. 30.10.2011
<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/e00006.htm>
- Skidmore, Thomas E. “Toward a Comparative Analysis of Race Relations since Abolition in Brazil and the United States”. *Journal of Latin American Studies*. 4.1 (1972): 1-28. Web.
- Villares, Lúcia. “The Black Maid as Ghost. Haunting in *A Paixao segundo G.H.*”. *Closer to the Wild Heart. Essays on Clarice Lispector*. Ed. Cláudia Pazos Alonso e Claire Williams. Oxford: Legenda, 2002. 126-141.

- Wetzel, Jodi et al. *Women's Studies. Thinking Woman*. Dubuque: Kendall Hunt Publishing Company, 1994.

- Young, Robert. *Postcolonialism. A Very Short Introduction*. Oxford University Press, 2003.